



LEONARDO COSTA DE OLIVEIRA

# O Sonho de Amadeo

---

*Vencedor do Prêmio Literário UCCLA  
(2021) – Novos Talentos, Novas  
Obras em Língua Portuguesa*

EDITORA PENALUX

Guaratinguetá, 2021

PARTE I

**UM ASSASSINO  
SEM ROSTO**



# 1

O caminhão parou de repente e levantou uma poeira amarelada. O tempo estava seco e já começava a acumular areia na rua. De calça jeans, blusa sem estampa e à frente do portãozinho de ferro, eu apenas olhava a movimentação. Dois homens desceram da lata de ferro, que, já bastante enferrujada, dificultava a distinção da cor que um dia a cobriu. Talvez fosse o caminhão vermelho que me informaram.

Um dos homens era negro e parecia ser o chefe, mas não havia nenhuma evidência plausível para isso. Bradava ordens com vigor, era musculoso como um halterofilista e, na face, distinguia-lhe um bigode mal aparado, como um personagem de desenho animado. Usava uma camiseta azul com furos irregulares visíveis na parte frontal, sugerindo características suficientes que o denotavam como uma espécie de líder. O outro homem, bem mais magro e nada atlético, possuía a pele morena e mantinha o semblante o tempo inteiro fechado, resmungando cabisbaixo.

Dirigiram-se para trás do caminhão e abriram a caçamba, o que revelou um amontoado de caixas, sacolas cheias de utensílios diversos e mobílias velhas. Nada estava em perfeito estado.

— Parece a mudança da minha vó — diz o homem moreno mal-humorado.

O que se portava como o chefe observa-o de cima a baixo.

— Pelo visto, teve a quem puxar.

— Respeita a minha vó, seu cretino!

Eles discutiam sem dar indícios de que alguma solução sairia dali. Falavam palavrões e acusavam-se com os dedos em riste.

— São minhas coisas — intervenho. Caminho em direção aos dois homens ajeitando o cabelo encaracolado que me descia pela têmpora. — Prazer, meu nome é Amadeo. Falei com um de vocês pelo telefone.

Os dois homens cessaram a discussão de repente, disfarçando, como se tudo não passasse de uma brincadeira entre velhos amigos, o que obviamente não eram.

— Prazer, campeão. Foi comigo que falou — o homem negro estende-me a mão. — Meu nome é José Carlos, mas pode me chamar de Zeca. Esse aqui é o Espeto.

— Prazer, meu nome é Valdeir — corrigiu Valdeir, o Espeto, que era, pelo menos, dois palmos menor do que Zeca. Mascava um chiclete desanimado e apertou a minha mão sem muito vigor. Foi como segurar um pé de alface.

Espeto e Zeca disfarçavam e tentavam dar a impressão de que tudo estava normal. Afinal, espantar a clientela não era o objetivo do dia. Embora fossem ágeis naquela função, descarregavam as coisas com menos cuidado do que eu gostaria.

— O apartamento fica no terceiro andar — abro a portinhola de ferro. — É o apartamento 33.

— Vamos lá, Espeto, mãos à obra — diz Zeca, já tirando algumas caixas da caçamba.

Os dois começaram subindo as caixas menores, mais fáceis de transportar ao longo dos três lances de escada. O pequeno corredor desnivelado, com degraus assimétricos, apresentava-se como um obstáculo a mais na jornada até o apartamento. Espeto não se continha, reclamava sem fazer o menor esforço de soar mais simpático.

— Sem elevador vai ser foda. Sem elevador nem devia ter vindo. Sem elevador, pelo amor de Deus, tinham que fazer uma escada melhor.

— Espeto, por favor, não comece com esse mau humor — contém-lhe Zeca.

Espeto pegou três caixas, que, a julgar por sua expressão facial, pesavam mais do que ele próprio. Bufava como um touro ameaçado. No entanto, apesar da visível dificuldade e inabilidade que dele se esperava, conseguiu ancorá-las sobre os ombros. Zeca colocou embaixo dos dois braços duas caixas e ainda levou penduradas, em cada uma das mãos, mais duas sacolas. Subiu e desceu como um atleta. Espeto ainda passava pelo portão.

O prédio, um antigo sobrado do início do século XX, tinha pouco da sua característica arquitetura. Eram três andares com quatro apartamentos em cada um; dois de fundos e outros dois com vista para a rua em que estávamos. A fachada havia sido reformada recentemente e foi pintada numa cor laranja que me agradou. O prédio não tinha porteiro, apenas um pequeno portão de ferro marrom separava a rua do interior. Talvez houvesse alguém que fizesse a mínima manutenção do edifício, que, apesar de simples, parecia ser, de modo geral, bem cuidado. A rua não era longa e havia mais quatro prédios similares enfileirados, que intercalavam

com casas simples de telhado colonial. Uma paisagem bucólica e acolhedora à primeira vista.

— Por favor, cuidado com isso — digo de repente aos dois, enquanto carregavam uma caixa de madeira do tamanho de uma porta, colorida como um arco-íris em diversos tons de amarelo, verde, azul e vermelho.

Espeto aparentava não conseguir suportar o peso da caixa. Seus dedos enrijeceram como galhos secos, dando a impressão que arrebentariam a qualquer momento.

— Que que *cê* tá levando aqui? Sua sogra? Você só pode ter matado a sogra.

— Olha o respeito com o rapaz — diz Zeca.

Movimentei desanimado o lábio para o lado e suspirei fundo. A única coisa que conseguia pensar era em terminar logo aquilo e descansar um pouco. Mudanças eram sempre momentos tensos e demandavam uma quantidade extra de energia que eu não queria gastar. Se pudesse, moraria numa cidade interiorana, criaria galinhas e contentar-me-ia com o básico e necessário à sobrevivência. Acordaria às cinco da manhã e tomaria o café bem forte, para levantar o ânimo e, talvez, fosse também do meu agrado uma pequena horta para gastar as horas de minha breve existência. Pensar aquelas coisas era muito fácil. O ideal, eu sabia, seria não devanear demais. Porém, não tardava e eu começa a flutuar entre o que foi e o que poderia ter sido. Era sempre mais difícil concentrar-me no hoje e no agora. Se bem que o hoje e o agora são apenas uma outra forma de ver o que foi e o que poderia ter sido.

— Não esquenta com o Espeto — Zeca se aproxima de mim e diz cochichando: — Ele é meio doido.



---

EDITOR A

[www.editorapenalux.com.br](http://www.editorapenalux.com.br)

[penaluxeditora@gmail.com](mailto:penaluxeditora@gmail.com)

A U T O R

[montrouse@gmail.com](mailto:montrouse@gmail.com),

[leogeo.oliveira@gmail.com](mailto:leogeo.oliveira@gmail.com)

[instagram.com/leogeo.oliveira](https://www.instagram.com/leogeo.oliveira)

[facebook.com/leonardo.oliveira.1069020](https://www.facebook.com/leonardo.oliveira.1069020)

---

• *Livros iluminam* •

---

Este livro foi composto em Sabon LT Std  
pela Editora Penalux e impresso em papel  
pólen soft 80 g/m<sup>2</sup>, em maio de 2021.

---